

Adauto Cruz



LUCAS DEIBSON ASSUNÇÃO FOI MORDIDO POR UMA RATAZANA NO DIA 30 DE JANEIRO, EM CEILÂNDIA: ANIMAL ENTROU NA CASA DE PARENTES DO ESTUDANTE E PEGOU O DEDO DELE

Crescem os ataques de ratos

Marcello Xavier
Da equipe do **Correio**

Quando veio o desemprego de Nair e Fernando, a solução da família Silva França foi trocar o quartinho de fundos, alugado por R\$ 80, por uma casa de madeirite numa invasão de Ceilândia. Há pouco mais de um ano, marido e mulher moram numa área cheia de lixo e com dejetos sanitários escorrendo a céu aberto. Além dos mosquitos, outros “habitantes” da área trazem perigo à saúde do casal e dos filhos, Willian, 5 anos, e Maiara, 8 meses. “Aqui não tem hora para os ratos aparecerem. Tanto faz ser de noite como de dia, e aos montes”, afirma Nair, 25 anos.

A luta dos moradores da invasão para acabar com os ratos na área parece interminável. Muitos colocam veneno em casa, mas não conseguem exterminar o bicho. Animal de hábitos noturnos, os roedores são atraídos pelo ambiente degradado da invasão na QNP 22, em Ceilândia — cidade que liderou a estatística de mordidas por ratos no Distrito Federal em 2002, segundo levantamento da Diretoria de Vigilância Ambiental (Dival) da Secretaria de Saúde do DF.

Só no ano passado, 247 pessoas foram mordidas no DF por ratazanas, o tipo mais comum

em áreas urbanas. Um aumento de 25,38% em relação a 2001, quando foram anotados 197 casos nos centros de saúde e hospitais públicos da capital. Foram anotados 58 ataques em Ceilândia, 46 em Taguatinga, 41 em Samambaia e 23 no Gama (*leia quadro ao lado*).

Levantamento da vigilância revelou, no entanto, uma redução em 54,16% dos casos da principal doença transmitida pelos ratos por meio da urina, a leptospirose. Foram infectadas apenas 13 pessoas em 2002 contra as 24 do ano anterior. O DF é considerado privilegiado em relação a outros estados brasileiros por que não sofre com inundações. Nas enchentes, a urina dos roedores presente no esgoto mistura-se à enxurrada, e eleva o risco do contato humano com a bactéria.

ALTA REPRODUÇÃO

De acordo com a diretora da Vigilância Ambiental em Saúde, Miriam dos Anjos Santos, não há uma relação entre a redução dos casos de leptospirose e o aumento dos registros de mordidas. Nem é possível afirmar que a população de roedores está crescendo no DF. Mas esse dado pode ser um indicador importante para o desenvolvimento do trabalho de combate ao animal.

A vigilância usa uma técnica da

Organização Mundial de Saúde (OMS) para estimar o número de roedores. Para países em desenvolvimento, caso do Brasil, a OMS soma quatro ratos para cada habitante. Nos países desenvolvidos, a conta cai pela metade. Seguindo esse raciocínio, o DF teria mais de oito milhões de ratos. Cada ratazana pode procriar até oito vezes por ano, e ter de oito a 12 crias por vez.

“A população dá condições propícias para a proliferação dos ratos”, afirma Miriam Santos. Segundo ela, acúmulo de entulhos nos quintais, mato alto, lixões, restos de alimentos, criação de animais domésticos com comida exposta e esgoto a céu aberto são atrativos para os animais.

O estudante Lucas Deibson Assunção, 10, é a mais recente vítima de ataque de rato registrada em Ceilândia. Ele foi mordido em 30 de janeiro, na casa de um parente, no Setor P Norte, onde passava as férias. O garoto brincava com os afilhados de sua tia quando foi atacado. “O rato entrou em casa e tentamos pegá-lo. Quando coloquei a mão, levei uma mordida no dedo”, lembra Lucas. O dedo inchou e sangrou muito. A tia Josefa de Souza Dias, 45, levou o sobrinho para a emergência do Hospital Regional de Ceilândia (HRC). As férias terminaram com curativo e vacina anti-tétano.



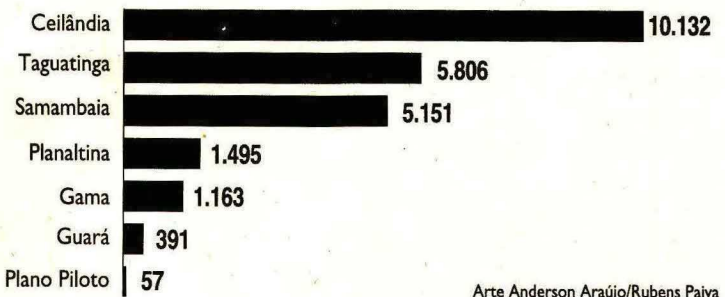
OS ROEDORES DE BRASÍLIA

Relatório da Diretoria de Vigilância Ambiental aponta crescimento do número de pessoas mordidas por ratos no DF no ano passado. Ceilândia lidera o ranking

REGIÃO	Mordidas		Leptospirose	
	2001	2002	2001	2002
Plano Piloto	-	4	1	2
Cruzeiro	1	3	-	-
Guará	9	14	2	2
Lago Norte	-	-	6	-
Lago Sul	1	1	2	1
Núcleo Bandeirante	2	3	5	1
Riacho Fundo	3	-	-	-
Gama	21	23	2	2
Samambaia	32	41	-	1
Recanto das Emas	4	3	1	-
Sta. Maria	11	7	1	-
Taguatinga	39	46	-	1
Ceilândia	38	58	-	2
Brazlândia	7	0	3	0
Paranoá	2	5	-	-
Planaltina	13	20	-	-
S. Sebastião	1	6	-	-
Sobradinho	13	13	1	1

RECLAMAÇÕES

Em número de registros em 2002



Arte Anderson Araújo/Rubens Paiva

Ajuda da população é essencial

A vigilância ambiental promove “arrastões” nas cidades do DF para tentar erradicar os roedores. Os técnicos fazem a desratização com uso de ratoeiras e venenos e orientam a população quanto à eliminação dos possíveis abrigos dos animais. “O raticida sozinho não resolve o problema. É preciso um conjunto de ações com a ajuda da população para erradicar a colônia de ratos”, defende a diretora da Dival, Miriam Santos.

Ao primeiro sinal do roedor, a

vigilância ambiental deve ser comunicada para fazer o controle da área. Só em 2002, o serviço recebeu mais de 20 mil reclamações e pedidos de desratizações de todas as cidades do DF. A maior parte delas veio de Ceilândia.

Em caso de mordida, a pessoa deve lavar bem o ferimento com água e sabão. Há risco de contrair bactérias que provocam infecções. A vítima deve procurar um serviço de saúde para fazer curativo e tomar vacina anti-tétano.

Ao contrário do que se pensa, os roedores não transmitem a raiva.

A leptospirose é uma doença grave. Os sintomas são parecidos com uma gripe: moleza, dor no corpo e febre. Se houve contato com água suja ou lama nos últimos 30 dias, deve-se procurar um médico. Segundo a bióloga Miriam Santos, uma das principais formas de contaminação no DF ocorre durante a limpeza da caixa de esgoto em casa, sem o uso de luvas ou botas de borracha. (M.X.)